

A DINÂMICA PERVERSA DO SUBDESENVOLVIMENTO

Benedicto Heloiz Nascimento
Professor associado do IEB-USP

As possibilidades de mudança são sempre limitadas pelas combinações permitidas das alterações nas diferentes estruturas que compõem o sistema econômico, de maneira a se poder ter a coerência mínima necessária para o seu bom funcionamento, proporcionando-lhes melhor acomodação e maior eficiência.

Isso acontece porque não é possível mudar tudo de uma só vez. O processo se desenvolve por etapas, como numa escalada em que a cada passo é preciso manter o equilíbrio geral do corpo para se evitar uma queda. Dessa maneira, as mudanças ocorrem em uma ou algumas estruturas ou mesmo em elementos de uma estrutura, como, por exemplo, uma ou algumas empresas.

Nem todas as manifestações ocorridas vão conseguir se manter ou se expandir, apenas sobrevivendo e se difundindo aquelas que permitirem a manutenção da coerência mínima dentro do todo, isto é, dentro da estrutura ou entre as estruturas.

Acabaremos por chegar à conclusão de que o processo de mudança acontece como uma permanente busca de homogeneidade máxima através de equilíbrios intermediários, onde algumas estruturas ou componentes das mesmas se mantêm, enquanto outros são substituídos ou alterados. Equilíbrios que estão sempre sendo rompidos, de tal maneira que a homogeneidade nunca será alcançada, à proporção que a sociedade humana é dinâmica e que novas condições e problemas estão sem-

pre surgindo e exigindo novas adaptações que irão possibilitar a sua sobrevivência e progresso.

Assim, aquilo que chamamos de revolução não se realiza de repente. Ela é antes de tudo o coroamento de uma série de pequenas mudanças adequadamente implantadas de maneira a dar às mesmas maior entrosamento e coerência. Tal revolução só vai efetuar-se com possibilidades de sucesso duradouro quando as reformas e mudanças prévias tornarem-se maduras e alcançarem melhor integração para operar como um só conjunto.

Com a proximidade do esgotamento desse processo, podemos ter um reajuste e acomodação mais agitados e violentos, dependentes dos graus de incompatibilidades, das consistências e capacidades de resistência dos interesses e posições estabelecidos, possibilitadores de novas arrumações, combinações e soluções. Tal sublevação constituir-se-ia num golpe necessário para quebrar e destruir, como numa implosão, mais rapidamente organizações e estruturas cujas bases de sustentação e coesão interna já se mostravam previamente abaladas.

Graças à simplicidade e reduzidas dimensões de sua economia, os países subdesenvolvidos ficam mais suscetíveis e plásticos às mudanças de maior porte e profundidade. A sua menor complexidade, a reduzida quantidade de capital congelada em instalações, máquinas, equipamentos ou em estudos para obtenção de tecnologia e conhecimento científico aplicado fazem com que as estruturas econô-

micas estejam menos comprometidas com formas específicas de produção e de vida, além de interesses estabelecidos, que nos países ricos.

Neste sentido a estagnação e mesmo os retrocessos que aconteçam numa economia seriam a maneira de tornar possível a ocorrência de reformas ou mudanças de orientação e de caminhos no desenvolvimento da sociedade. Isso ocorre porque o recuo da atividade econômica, à medida que signifique uma espécie de amortização violenta a fundo perdido, pela destruição rápida ou simples abandono e corrosão pelo tempo de instalações, equipamentos, habilidades e conhecimentos, fora acomodação e redução dos interesses estabelecidos, que podem definhar perdendo força e importância e mesmo acabar por se comprometerem com uma mudança radical como forma de sobrevivência, permitiria saltos e desvios significativamente importantes no desenvolvimento.

Esse mecanismo seria diferente daquele do ciclo econômico através do qual a crise é simplesmente sucedida por um período de prosperidade. Ele seria mais penetrante, qualitativo e revolucionário à medida que a crise econômica, eliminando os fatores mais fracos e ineficientes, vai, antes de tudo, determinar um aprofundamento no caminho que já se vinha seguindo. Ela costuma ser basicamente um recuo para continuar acelerando tendências preexistentes e dificilmente para romper com o *status quo*, não apontando necessariamente para caminhos novos. Aqui, para mudar, é preciso não perder, portanto, a oportunidade de saltar para um novo caminho, após a execução do retrocesso adequada ou na distância precisa.

De modo geral, teríamos a ocorrência de uma inovação seguida do período do seu espraiamento e posteriores evoluções. Caso seja encontrado um obstáculo sob a forma de interferência externa ou inadequação da própria inovação, acabaríamos numa estagnação ou mesmo retrocesso, de maneira a possibilitar a parada ou o recuo necessário para encontrarmos outro caminho possivelmente mais promissor e fecundo. Via que pode ou não ser trilhada, disso dependendo as possibilidades de superação dos impedimentos à adequação, estabilidade e grandeza do desenvolvimento da sociedade.

Diríamos, ainda, que alterações em elementos de uma estrutura ou, o que já é mais difícil, em toda

a estrutura, podem gerar ou simplesmente disparar o mecanismo da mudança das estruturas do sistema. A ação desse detonador, naturalmente, encontraria ou não um meio ambiente propício conforme o lugar ou época, podendo inclusive ser imediatamente neutralizada ou simplesmente consumir-se esterilmente por falta de condições de propagação, não deixando, por vezes, sequer vestígio da sua ocorrência.

No caso contrário, o movimento ou reação inicial tende a operar e expandir-se dentro das estruturas e sistema de maneira menos desarmônica possível, atingindo, ou melhor, buscando permanentemente uma coerência mínima. Procura que significa rupturas graduais dentro das variações possíveis que cabem nas poucas linhas de mudança que parecem ser oferecidas às sociedades humanas. Fato decorrente da impossibilidade de escapar da reduzida quantidade de recursos materiais e intelectuais de que dispomos no correr de nossas vidas e que permitem também quantidades limitadas de combinações.

De acordo com o que estamos expondo, uma revolução autêntica, com caráter mais radical e nacionalista, num país que viesse se desenvolvendo como economia dependente, apenas seria possível e vitoriosa caso ocorresse um verdadeiro afrouxamento nos laços de dominação.

Semelhante debilitação da dependência reduziria a falta de objetividade e incapacidade de ação adequada, possibilitando uma reação local saneadora do aparelho produtor e da infra-estrutura, assim como promotora da inteligência e da riqueza nacionais.

Isso se materializaria através de crise ou conflito que enfraquecesse e/ou isolasse o poder central, da perda de interesse sobre a produção e mercado locais, por um retrocesso que reduzisse a força e o empenho em defender posições adquiridas pelos agentes econômicos, isto é, se houvesse um recuo para permitir uma fuga para outra via.

Nesse caso, teríamos um salto que poderia significar, temporariamente, redução adicional no desenvolvimento das forças produtivas. Só a partir dessa diminuição é que observaríamos uma recuperação das atividades de maneira a permitir pular o fosso do subdesenvolvimento e quebrar as cadeias da dependência econômica, que cerceiam a movi-

mentação e sufocam a vida mais autêntica e socialmente mais produtiva dessas nações.

Na trilha da nova organização, tornar-se-ia necessário romper, envolver e absorver as partes ou estruturas existentes, neutralizando o inconveniente ou o negativo e aproveitando o que pudesse ser convertido e adaptado para utilização que não viesse comprometer a estrutura e o desempenho do novo sistema. Seria preciso reciclar e utilizar, na sua máxima intensidade, todos os valores escassos, onde quer que eles estivessem, a fim de se obter um progresso mais rápido, maior e mais seguro.

Para isso precisaríamos corrigir as deformações, aspectos contraproducentes ou o simples uso de cada elemento, fazendo-o operar na sua forma e grandeza ótima, especialmente num país subdesenvolvido, onde não se poderia correr o risco de desperdiçar fatores escassos de geração e distribuição de riqueza.

Deste modo, buscar-se-ia a utilidade de cada objeto, atividade ou pessoa, porque aqui estaríamos mergulhados numa situação e atuação reclamando uma tarefa onde, para se obter sucesso ressoante, pode-se contar apenas com poucos recursos ou com meios de difícil consecução. Assim, parte significativa dos insumos, fatores e implementos a serem empregados, acabam por ser alcançados e retirados das antigas estruturas, que agora operariam reconicionados e/ou ordenados de maneira diferente.

Teríamos, então, uma realidade a permitir o reaproveitamento ou a continuidade na utilização de partes ou mesmo do corpo inteiro das velhas estruturas, onde tal oportunidade e benefício poderiam ser melhor usados, desde que a mudança social viesse a ocorrer antes por reformas sucessivas e convenientemente direcionadas do que por revoluções de caráter violento. Movimentos estes que trariam a destruição e/ou expulsão do território nacional de parte expressiva dos recursos materiais e humanos necessários à construção e operação da nova ordem. Representando-se, aí, um custo muito alto a ser pago, especialmente quando se verifica que boa parte das antigas estruturas precisaria ser reconstruída. Novos insumos, instalações, equipamentos e mão-de-obra, para executar as mesmas tarefas e funções, teriam que ser refeitos e formados apenas para substituir o que se destruiu ou perdeu.

Por esse motivo, reformar em profundidade nunca até então alcançada, destruindo privilégios pouco a pouco e arcando com parcelas suportáveis de sacrifícios, pois seriam absorvidas gradativamente, podendo, assim, no seu total, atingir grandes proporções, constituir-se-ia numa maneira de escapar de um prejuízo futuro de maior porte. Evitar-se-ia, neste caso, perda acarretada por mudanças bruscas e profundas, trazendo consigo mais alto custo para um proveito menor, que demoraria mais para ser usufruído, afora ocasionar o aparecimento de um período maior de instabilidade socioeconômica e política.

Com a implementação de choques e medidas tumultuosas e precipitadas, logo se estabeleceriam desequilíbrios provocados pelas necessidades de acomodações e reajustes estruturais e institucionais violentos, processos que acabariam por destruir conquistas positivas da sociedade, juntamente com aquilo que verdadeiramente precisaria ser posto de lado e desativado.

Haveria perdas pessoais e sociais de ordem material, moral e intelectual, sendo que, por vezes, deixaria de ter existência outro recurso que aquele de pagar o preço amargo de um significativo retrocesso socioeconômico, acompanhado de regressão cultural e do bem estar físico, para se poder iniciar a marcha para um progresso mais coerente com a dignidade do ser humano e com a natureza, além de mais consistente e, a longo prazo, maior.

Isso, no entanto, precisaria acontecer quando objetivos, meios e, mesmo, indivíduos, ou agregados seus, a serem colocados em postos estratégicos da organização social, não pudessem ser devidamente selecionados. Ficaria impossibilitada a filtragem eliminadora dos menos adequados e incompatíveis com a harmonia, a eficiência e o bom funcionamento da sociedade.

Nesse caso, estaríamos diante de uma estrutura seriamente comprometida, em suas formações básicas, necessitada de uma demolição completa.

Disporíamos, assim, de agregado, por vezes, já em estado adiantado de deterioração, exigindo correção drástica e renovadora. Tal violência mostrar-se-ia necessária à medida que uma alteração da ordem estabelecida seria dificultada pelo esforço de sobrevivência dos elementos e grupamentos

mais resistentes. Personagens, que, ao mesmo tempo, buscariam alianças e composições dentro de qualquer quadro em constituição, procurando invalidar ou reduzir o efeito dos deslocamentos e renovações provocados pelo abalo revolucionário. Conflito que teria o mérito de agir como emoliente e recuperador do tecido social através de uma realocação de fatores, além de abertura de válvulas e canais de acesso para novos agentes, valores e idéias.

Concomitantemente, formar-se-iam turbilhões que dissimulariam essa realidade, ajudando no processo de sufocar aquele movimento renovador em seus pontos mais significativos e apoderando-se de posições-chave dentro da nova ordem. Tudo isso podendo, em caso extremo, dar como resultado apenas um simulacro de mudanças.

Aqui observaríamos, ainda, um custo e uma atividade de grande porte, que reduziriam a importância, principalmente nos primeiros momentos, das verdadeiras mudanças e alterações representativas da modernização e desenvolvimento sociais. Modificações ao mesmo tempo tornadas mais fáceis pelo deslocamento ou destruição das antigas estruturas de poder e difíceis pelas perdas e conseqüentes necessidades de recuperação e reconstituição de quadros, de valores humanos e materiais. Recomposição que, a princípio, não poderia fugir muito do modelo desfeito, à medida que as possibilidades de combinação para a organização humana, de fatores e de utilização de insumos para a produção de mercadorias, são limitadas, exigindo normalmente longo tempo para se obterem novas acomodações e hábitos. Processo que requereria presença permanente, muito trabalho e esforço educacional persistente, a fim de provocar uma mudança duradoura.

Assim, tal convulsão, apesar de trazer o mérito de deslocar ou destruir elementos pouco eficientes e nocivos, possibilitando novas alocações de recursos e fatores, ainda poderia, no bojo do processo de reconstrução, trazer antigos inconvenientes e restrições, materializados nos mesmos tipos de processos, soluções e pessoas causadoras e aproveitadores dos problemas e deficiências preexistentes.

Observaríamos o retorno de elementos dotados, dada a sua astúcia, subserviência e/ou reduzida competência, a pouca seriedade nos propósitos e

nos compromissos, de maior capacidade de sobrevivência e resistência em situações adversas.

Podendo ocorrer que, enquanto essas autênticas "baratas sociais", pois subsistem às maiores catástrofes, conseguem preservar-se, reocupar e alcançar novas posições, contaminando e desvirtuando as novas estruturas, sabotando revoluções e reformas, parte significativa dos elementos melhor dotados, intelectual e moralmente, acabaria subutilizada em postos secundários, esterilizada numa aposentadoria antecipada, fisicamente destruída ou expelida para uma nova vida no exílio.

A fim de reduzir esses efeitos negativos, deve-se optar por um regime político-social de caráter democrático, respeitador das diferenças e liberdades individuais, onde exista uma repartição de renda e de poder a mais equitativa possível.

Isso seria atingido por transformações lentas, feitas através do acesso a sucessivas etapas duradouras e diversos caminhos firmes, numa sociedade onde houvesse participação ampla do povo, mas que também contasse com mecanismos de controle relativamente rígidos e operantes. Aí, todos poderiam e precisariam ser ouvidos, procurando-se colocar em execução suas idéias, pretensões e reivindicações conforme sua adequação e exequibilidade no quadro social momentâneo e objetivos globais de médio e longo prazo.

Essa não deveria ser uma sociedade governada por "Coronéis", com o povo comportando-se como agregados que a tudo obedecem, simplesmente porque a ordem "veio de cima". Ela seria uma cultura que viesse a permitir a participação ativa dos subordinados na gestão de todos os negócios, que cultuasse, ao lado da prática da liberdade, a da eficiência e a da produtividade.

Os cargos e funções seriam distribuídos, apenas, conforme a competência das pessoas, seu conhecimento, habilidade e capacidade de atuação.

Procurar-se-ia, também, fugir ao caráter imediatista, dispersivo e de autoridade dividida em múltiplos territórios e áreas de influência locais. Tentar-se-ia escapar dessa forma de organização de poder que conduz a verdadeiras situações imobilizantes ou de curto fôlego, em que se evitam tomar decisões sobre assuntos de maior relevância e es-

colha de objetivos inovadores conflitantes com aquilo que é aceito como estado de normalidade do lugar ou de interesse de certos grupos dominantes.

Deixar-se-ia de praticar e de esperar soluções,

ações e socorro do Mundo Exterior dominante, buscando, então, remédios próprios e menos traumatizantes, que poupem recursos e energia essenciais ao progresso e riqueza nacionais.

RESUMO

Reflexões sobre o modo e ocasião de ocorrência de uma alteração significativa de determinada organização social. Importância de reformas sucessivas encaminhadoras para um novo quadro, numa dinâmica mais coerente e firme de mudança social. Na ausência dessa possibilidade, poder-se-ia chegar a um processo de transformação violento. Revolução que traria as conseqüentes perdas materiais, de vidas humanas e mesmo de experiências e conhecimentos acumula-

dos, mas que, devido às resistências à mudança dos grupos de interesse dominantes, tornar-se-ia praticamente inevitável para se desobstruir o caminho do progresso.

Unitermos: política econômica, desenvolvimento econômico, mudança social.

ABSTRACT

Considerations about the way and time for a significant change in a specific social organization. Need of continuous reforms conducting to a new equilibrium in social life. In the absense of this dynamics we can arrive to a violente transform, a revolution with material, life, experience and knowledge loss.

Key words: economic policy, economic development, social change.